

NA ESCOLA

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

Mas a Rosa,
preguiçosa,
que é ralaça,
que é madraça,
vai chorona,
—que arrelia!

todo o santíssimo dia,
andava, em grandes corridas,
ao jôgo das escondidas,
com Ninita e com Maria!

[...Ela sabia... sabia...]
que havia
de decorar

toda a carreira do A...
e que havia de acertar
uma conta de somar,
de quatro parcelas já!...

Se a chamavam, respondia:

—«eu vou já, Mamã, vou já...»
e, enquanto,
os livros seus,
lá no canto,
da malinha,
mesmo ao fundo,
dormiam sono profundo,
com grande mágua de Deus!

...Ora a Rosinha... a Rosinha!...

— Lá vêem, num lindo bando,
as criancinhas, da Escola!
Parecem pombas, voando,
ao ver aberta a gaiola!...

Bibes brancos! Laços brancos!
Caracóis a refulgir!
Risos francos! Lábios francos,
que inda não sabem mentir!

[...Lá vem a Lola,
lá vem!

!Que engraçada
que ela é!

Vai para junto da Mãe,
correndo e saltando, além,
ora num ou noutro pé...

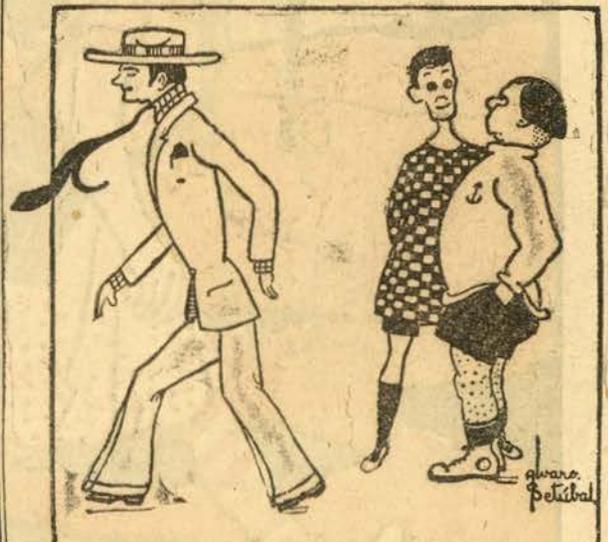
Vai contente, radiosa,
— pois então?!
A Senhora Professora,
deu-lhe um beijo com doçura,
ao perguntar-lhe a lição!...

!Ai! mas a Rosa,
coitada!
Que grande paimatoada,
apanhou em cada mão!...



Meus me-
ninos:
Vejam se desco-
brem on-
de está o
dono
dêste lin-
do bicha-
no.

ANEDOTA ILUSTRADA



— Este tipo é «chauffeur», com certeza! Cheira tanto a gaso-
lina...
— Pois enganar-te! Cheira a gasolina porque limpou as
nódoas do fato...

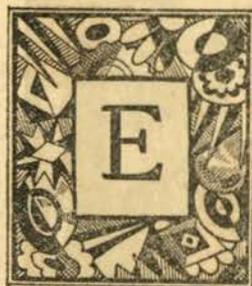


A Rainha das Flôres

P O R

MARIA DA LUZ DE ASSIS TEIXEIRA

Desenhos de EDUARDO MALTA

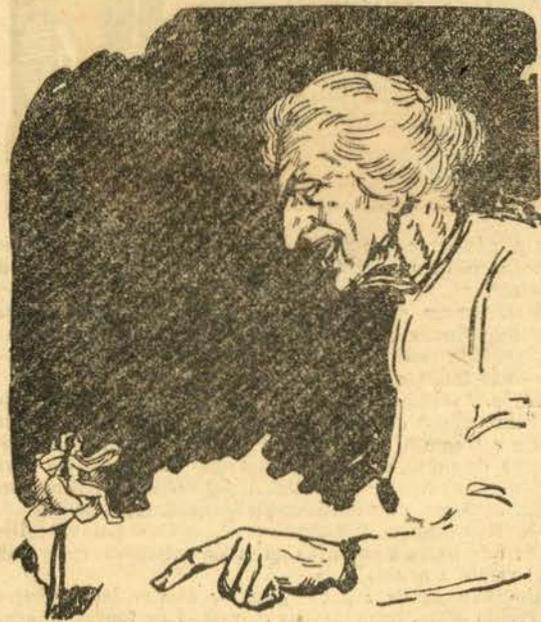


ERA uma vez uma velhinha que vivia sempre só. Um dia pediu a Nossa Senhora que lhe desse uma filha para a ajudar, e consolar na sua velhice.

Nossa Senhora ouviu-a, e mandou uma fada, muito linda, a casa da velhinha, para lhe dizer que, dentro em pouco, se realizaria o seu desejo e para esse fim a fada entregou à boa velha uma semente, dizendo-lhe que a se-

measse num vaso, que dentro de poucos dias teria o que tanto desejava.

A velhinha assim fez e qual não foi o seu espanto, ao ver que no fim de alguns dias nasceu uma planta e dela um



botão de flor de cores vivas e de pétalas setinosas; achou-o tão bonito que quiz beijá-lo, mas assim que aproximou os lábios da flor, esta abriu-se, e aos extasiados olhos da velhinha, se deparou uma menina assentada dentro da flor, mas tão pequenina que não excedia o tamanho de uma abelha. Esta pequenina criatura era tão linda e tinha um olhar tão meigo, que a velhinha imediatamente a começou a amar; levou-a para casa, arranjou-lhe um bercinho com muitas rendas e, durante o dia, colocava-a em cima duma mesa, onde ela pulava, ria e cantava as mais lindas canções.

Gostava muito dos passarinhos e das flôres.

A casa tinha um jardimzinho onde havia um sapo, e um dia em que a pequenina aí se encontrava balouçando-se sobre uma folha de rosa, o sapo viu-a e gostou tanto dela que pensou logo em a roubar para casar com ela.

Se bem o pensou melhor o fez! Uma noite quando estava tudo a dormir, foi à caminha da menina e levou-a. Andou, andou até que chegou a um rio, e, para que a menina não fugisse, colocou-a no meio da água sobre uma grande folha de figueira; mas a corrente era rápida e arrastou a folha que foi boiando até que o sapo a perdeu de vista.

(Continúa na página 6)

OS PALHAÇOS

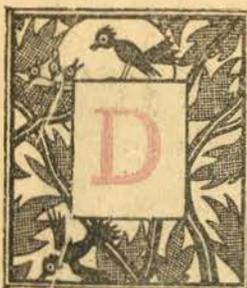
NOVELA INFANTIL

POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHOS DE EDUARDO MALTA

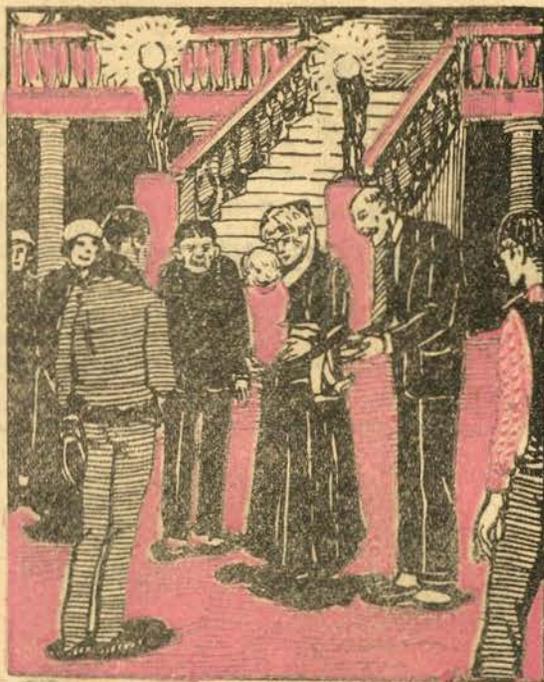
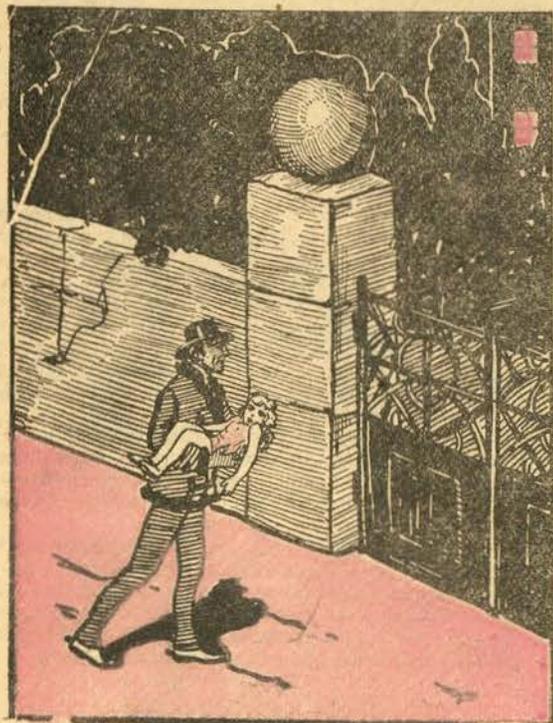
(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)



ECORRIDOS vinte minutos de veloz caminhada, Zagalote, com Nucha ao colo, de súbito estacando em frente de um grande portão de ferro, puxava agora uma argola de metal prateado que, suspensa por uma corrente, fazia badalar um pequeno sino espalhando, entre o silêncio lugubre da noite, um alvoroço de sons.

Quási instantaneamente, o grande portão de ferro abriu-se de par em par. O parque ilu-

minou-se. Um alarido de vozes reboou ao fundo da principal alameda, numa imensa ansiedade, ao mesmo tempo que,



precipitadamente, um grupo de homens e mulheres desciam a escadaria de um amplo terraço e vinham ao encontro de Zagalote.

Então, num gesto largo, o esgrouinhado cigano, arre-messando Nucha para o colo de uma senhora loira, formosíssima, toda vestida de preto, exclamou, sorridente.

— «Aí tem sua filha, senhora D. Luiza!»

Depois, voltando-se para um sujeito alto, muito distinto, também vestido de preto mas com polainas brancas, que, pálido e trémulo, não tirava os olhos de Nucha enquanto a senhora de preto, soluçando, chorando de alegria em desabafos:—«Filha, querida filha!..»—a enchia de beijos como louca, Zagalote, numa altivez pimpona, acrescentou:

— «Meu fidalgo, os ciganos também têm palavra! Disse-lhe que traria a sua filha antes do sol nascer; ela aqui está! vamos a contas!..»

Um homem de aspecto humilde com ar de jardineiro, um criado idoso, duas criadas de preto com toucas brancas,



e outra, mais idosa, com um ar de ama sêca, enxugando as lágrimas, completavam o grupo cuja sombra se projectava na ensaiada alameda.

— «Entre...» — (disse, secamente, D. Jorge que, seguldo pelo cigano, se encaminhou para o amplo terraço iluminado por dois candieiros de glôbo sobre a cabeça inclinada de dois escravos esculpido em bronze.

— «Conte-me, como conseguiu encontrar minha filha...» exclamou o sujeito de fato negro e polainas brancas, sentando-se, agora, a uma secretária-ministro colocada a um canto de um luxuoso gabinete à luz vermelha de um «abat-jour» ajardinado, florido como uma sombrinha aberta.

— «Há muito tempo eu sabia — (começou, atabalhoadamente, o cigano) — que os fidalgos viviam entregues a uma grande tristeza desde o dia em que a pequerrucha lhes foi roubada, vai para sete anos. Assim que vieram para aqui, um ano depois do roubo, logo isso constou em toda a vila. E vai, então... jurei que havia de descobrir o seu paradeiro dêsse por onde dêsse. Empreguei nisso todo o meu empenho. Corri montes e vales, aldeias, cidades, vilas, até que um acaso me deparou aqui no meio duns saltibancos que deram hoje, além..., no largo do mercado, um único espectáculo.

Mal vi, com sua licença, a fedelha, que é, a como quem diz a morgadinha, deu-me cá dentro um baque o coração; tive um palpíte!... Vai daí apertei o homem com perguntas... que torna porque deixa... e logo vim a saber que a tinha comprado há coisa de sete anos.»

— (Nesta altura da narração, o cigano tirou do bolso um fiozinho de oiro onde, a par de outra com a imagem do Menino Jesus, se via uma medalhinha de esmalte com o retrato da senhora loira, vestida de negro, que os meninos já sabem que se chama Luiza. —

— «Puz-me, então, a mirá-la e dei com os olhos nêste retrato que logo reconheci. Esperei a hora de darem começo à função e, em dada altura, assim que a pequena deixou o trapézio e as atenções se voltaram para pai Rambóia, que assim se chama o saltimbanco, ala que ala, puz-me na pizeira com ela.» — (explicou o cigano, misturando a verdade e a mentira, às voltas com o *mazantine* nas mãos.) — «Lá a minha senhora já lhe leu a sina, por sinal das mais

lindas, e bem merecedora que, em suma, não há cara mais ancha em toda a redondeza. E agora fidalgo, palavra de rei... venha a massinha!...»

D. Jorge de Ribeiralta, assim se chamava o pai da menina roubada, sacou, então, dum molho de chaves, prêso a uma corrente de ouro, e abrindo, com a mais pequenina, uma caixa forte, tirou de dentro um masso de notas de quinhentos escudos que, depois de contar, entregou ao cigano.

Assim que Zagalote saiu, D. Jorge correu ao encontro de Nucha para a abraçar e lhe dar muitos beijos.

Não encontrando na sala, subiu ao andar superior do seu magnífico palacete, batendo à porta da casa de banho onde as vozes de Luiza e Tomásia — (a antiga ama sêca de Nucha) — falazavam e riam alegremente.

Nucha havia acabado de sair da tina em cuja água, Luiza previamente deitara dois frascos de água de colónia.

Toda embrulhada num amplo lençol de linho, ao colo da sua nova e linda mãezinha, tão diversa da outra — a velha e feia mãe Lêsma, e enquanto Luiza lhe preparava a borla do pó de arroz pelo corpinho magro e cheio de nódoas negras, causadas pelos maus tratos que levava — (sopapos do pai Rambóia e beliscões da mãe Lêsma) — Nucha olhava, cheia de pasmo, de enleio, de gratidão e ternura, todo aquele desvelo, tanto carinho, tanta ventura que até a faziam duvidar da própria realidade, supondo-a um lindo sonho ou um milagre de fadas.

Luiza enfiava-lhe, agora, uma linda camizinha de rendas e fitas cõr de rosa, atando-lhe aos loiros cabelos um grande laço de seda.

CONTINUA NO

PRÓXIMO

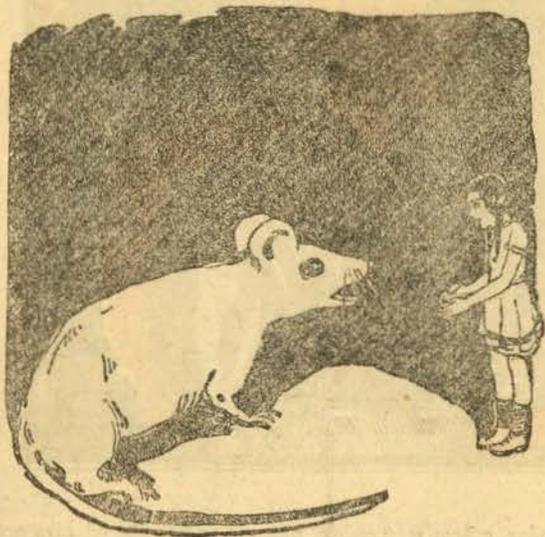
NÚMERO

A Rainha das Flôres

(Continuação da 3.^a página)

Quando a pequenina acordou era dia claro. Ignorando o que se tinha passado e não sabendo onde se encontrava, teve um grande medo e começou a chorar.

Uns peixinhos ouviram-na. Foram ver o que se passava,



e, encontrando a pequenita muito aflita, levaram-na para a margem. Uma vez aí, a menina não sabendo para que lado se havia de dirigir, teve de passar o verão no bosque. Formou com palhinhas um leito que colocou debaixo de uma folha de árvore, para a resguardar do sol. A fim de a alimentar, bastava-lhe o suco das flôres e para beber as gotinhas de ródio que de manhã caía nas folhas.

Os passarinhos não se cansavam de admirar a sua formosura, e alegravam-na com o seu canto.

Chegou o inverno e a Rosinha, — assim se chamava a menina — não tinha onde se abrigar, mas, um dia, passou por ali uma ratinha que lhe disse:

Não te afitigas, minha lindinha! eu tenho perto daqui a minha casa, onde não falta nada. Felizmente há lá lugar para duas pessoas. Terás uma boa cama e um belo lume; em troca disto só quero que me contes alguma história porque eu gosto muito. Lá foram e a Rosinha não teve de que se queixar! Ora perto da ratinha, morava um rato muito rico, que assim que viu a Rosinha simpatisou logo com ela e queria fazê-la sua companheira e repartir com ela a grande fortuna que possuía. Mas à Rosinha não lhe agradavam nada as pretensões do rato. Suportava-o para contrariar a ratinha a quem devia muitos favores.

Um dia foram todos três passear. No caminho encontraram uma andorinha caída com o frio e que parecia morta. A Rosinha correu logo para ela porque sabia que devemos proteger os passarinhos. Pôs-lhe a mãozinha sobre o coração e verificou que êle batia; por conseguinte ainda havia esperança... Correu a casa, trouxe um pouco de lã e um cobertor da sua cama, fez com a lã uma caminha e enrolou a pobre avesinha no cobertor, introduziu-lhe no

bico alguns alimentos, e não mais a abandonou. Passaram-se dois dias; a andorinha completamente restabelecida tinha que partir. Minha querida Rosinha, disse ela á menina, eu vou partir para outro país, onde haja agora sol e flôres, pois como vês o frio é-me fatal; nunca esquecerei tudo o que te devo, o meu coração vai cheio de reconhecimento pela tua bondade. Na próxima primavera, eu virei alegrar os teus dias com as minhas canções. — Não; diz a Rosinha; não partirás sem me levar, eu também devo muito à minha boa ratinha, mas aborreço-me aqui e sinto que morreria de tristeza. Leva-me contigo. Visto isso, (diz a andorinha), sobe para as minhas costas, agarra-te bem às minhas pernas... e agora não tenhas medo. A andorinha levantou vôo, e lá foram ambos pelos ares fóra. Andaram muito tempo até que, finalmente, avistaram o país que buscavam. Era realmente encantador este país. Era um país de bonecas; casas, castelos, jardins, tudo tão pequenino e tão lindo como nunca se viu. No meio da cidade erguia-se um paláciozinho maravilhoso. Passeando entre crisântemos e lírios vermelhos, andava um pequenino príncipe muito gentil. A Rosinha estava maravilhada, mas o príncipezinho veio logo direito a ela e disse-lhe: Há muito que te esperava; foi algum génio bom que te trouxe; eu sou o rei das flôres e tu serás minha no meu reino. A Rosinha aceitou e fez-se o casamento com grande pompa. O príncipe colocou-lhe na cabeça uma corôa de brilhantes e a Rosinha ficou sendo a Rainha das Flôres. Por ocasião do casamento, ofereceram à Rainha das Flôres — já assim lhe podemos



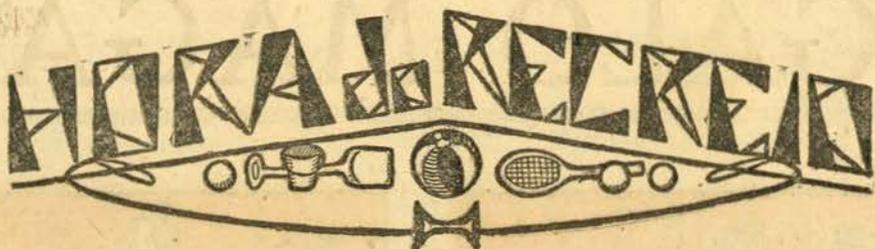
chamar — umas àsas que tinham pertencido a uma grande môsca, e a menina, daí por diante, pôde voar de flôr em flôr, foi muito feliz e teve muitos filhinhos ainda mais pequeninos do que ela, mas muito lindos e inteligentes.

UNIKORS



F I M





BONECOS DE PASTA

Queridos sobrinhos:

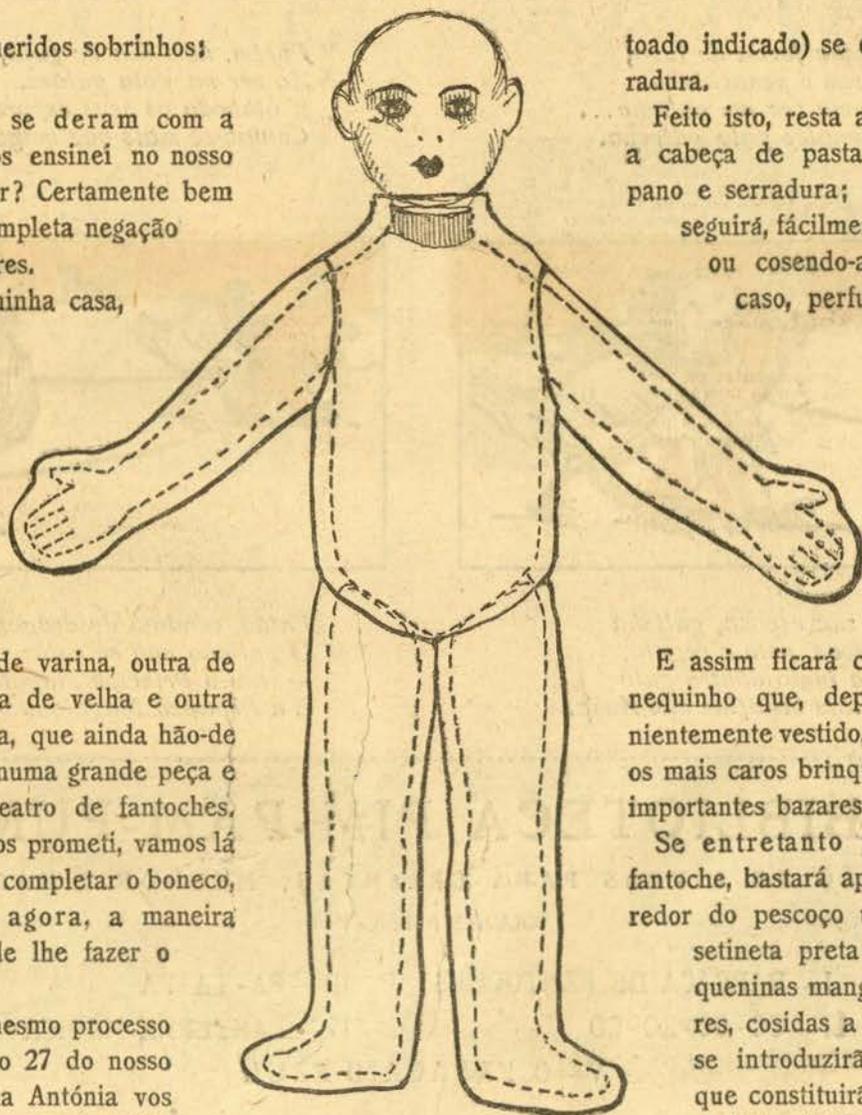
Então como se deram com a receita que vos ensinei no nosso número anterior? Certamente bem ou sois uma completa negação para modeladores.

Eu, cá em minha casa, tenho várias cabeças de fantoches, feitas pelo mesmo processo: —uma de

polícia, outra de varina, outra de estudante, outra de velha e outra de *miss* inglesa, que ainda hão-de entrar um dia numa grande peça e num grande teatro de fantoches.

Mas, como vos prometi, vamos lá a ensinarvos a completar o boneco, indicando-vos, agora, a maneira mais prática de lhe fazer o corpo.

Sigamos o mesmo processo que, no número 27 do nosso jornalzinho, Tia Antónia vos explicou, passando o molde, que nele figura, para um pedaço de pano crú que (depois de cosido à mão ou à máquina, pelo pon-



toado indicado) se encherá de serradura.

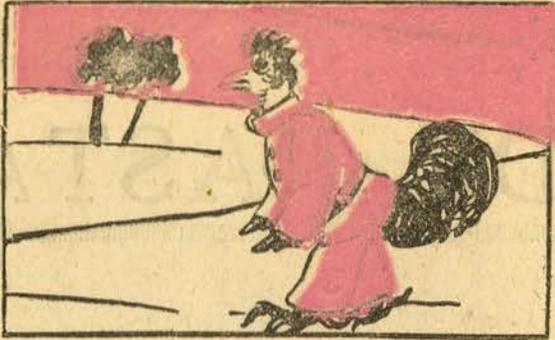
Feito isto, resta apenas prender a cabeça de pasta ao corpo de pano e serradura; o que se conseguirá, facilmente, grudando-a ou cosendo-a, tendo, neste caso, perfurado a pasta de cartão, em redor do pescôço, com uma agulha grossa de enfiar.

E assim ficará completo o bonequinho que, depois de convenientemente vestido, rivalizará com os mais caros brinquedos dos mais importantes bazares.

Se entretanto preferirdes um fantoche, bastará aplicar-se-lhe em redor do pescoço uma manga de setineta preta com duas pequeninas mangas suplementares, cosidas a esta, nas quais se introduzirão dois dedos que constituirão os braços do endiabrado Roberto!

Amigo certo
TIO PAULO

O GALO MAGALA



*Com sua farda de luxo,
Esporas e penachinho,
Era uma vez um galinho...
Um simples galo galucho.*



*Porém, num dia de gala,
Ao ver na gola galões,
E olhando os seus esporões,
Cuidou-se mais que magala.*



*Com sua esposa, galinha
De luvas, pele e regalo,
Passa junto doutro galo
Que tais basófitas não tinha.*



*Então, vendo-o de dragona,
O galinho não se cala:
— «Eis o Príncipe Magala
E a Princesa Magalona!»*

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM

A COLEÇÃO DE LIVROS PARA CRIANÇAS, MELHOR E MAIS BARATA

VOLUMES PUBLICADOS:

I — BARRACA DE FANTOCHES

III — PA-TA-PA

II — CÓ-CO-RO-CO

IV — LANTERNA MÁGICA

V — O PAPAGAIO AZUL

Note bem:— Todos estes volumes são impressos em magnífico papel e profusamente ilustrados a cores

Preço por volume 5\$00 ESCUDOS. Para assinantes de «O Século» 4\$00 ESCUDOS

PEDIDOS A' NOSSA ADMINISTRAÇÃO